

La gran espiral. Capitalismo y paranoia.

Josep M. Català

The Great Spiral. Capitalism and Paranoia

A grande espiral. Capitalismo e paranóia

Sans Soleil Ediciones, Vitoria-Gasteiz, 2016, 593 páginas,
ISBN: 978-8494448478

RESEÑA

**Dulcilia Schroeder
Buitoni**

Escola Superior
de Propaganda
e Marketing
(ESPM), São Paulo,
Brasil/Escola de
Comunicações e
Artes da Universidade
de São Paulo (ECA-
USP), São Paulo,
Brasil

dbuitoni@uol.com.br

DOI

**10.3232/RHI.2017.
V10.N1.06**

O livro *La gran espiral: capitalismo y paranoia*, de Josep M. Català, seria um ensaio de psichistória – termo colhido em uma novela de Isaac Asimov – ou então, na pergunta formulada no prelúdio dessa obra difícil de ser definida, seria uma espécie de psicologia da sociocultura? Também poderia ser entendida como uma história das ideias que caracterizaram os séculos XIX, XX e XXI. Professor e amante das imagens e do cinema, o autor relaciona os processos de comunicação e cultura com a ecologia mental de cada um desses tempos.

Josep M. Català é licenciado em História Moderna e Contemporânea pela Universidad de Barcelona e em sua carreira de pesquisador e docente foi se direcionando para as teorias da imagem e para a reflexão sobre o cinema, sempre conservando suas raízes de historiador. Deu aulas em universidades do México e da Califórnia. Català conseguiu articular pesquisa e realização cinematográfica. É Master of Fine Arts in Film Theory pela San Francisco State University da Califórnia e doutor em Ciencias de la Comunicación pela Universidad Autónoma de Barcelona-UAB, onde é professor do Departamento de Comunicación Audiovisual. Na academia, sempre reuniu teoria e prática; criou um Master em Documental Creativo em que estudantes de diferentes países produzem documentários como trabalho final.

É autor de uma obra fundamental onde desenvolve o conceito de imagem complexa (*La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual*, 2005). Seus livros tratam de cinema, documentário, melodrama, visualidades várias; escreveu inclusive sobre o “murmúrio das imagens”. Há vinte anos, já havia feito uma incursão à paranoia -*Elogio de la paranoia* (Fundação Kutxa, 1997)-, onde formulava o conceito de sintoma como possível explicação do imaginário sociocultural.

A escrita de *La gran espiral: capitalismo y paranoia* mobiliza psicanálise, história, sociologia, comunicação, arte, literatura, cinema e nos conduz por caminhos espiralados que vão e voltam. Assim, remete à obra *Passagens* de Walter Benjamin, que pretendia fazer filosofia a partir da história ou, em outras

palavras, reconstruir o material histórico como filósofo. Català propõe que se converta os fatos, material genuíno da história, em sintomas, que articulam uma ponte entre o fluxo temporal dos acontecimentos e sua significação social.

O livro se inspira em viagens exteriores e interiores. Começa com uma série de intróitos -prelúdio, preâmbulo, introdução- que antecipam a forma espiralada; depois, é dividido em três círculos. O Primer Círculo: *Viajes extraordinários* percorre obras famosas de Julio Verne, como *Veinte mil leguas de viaje submarino*, *La isla misteriosa*, *De la tierra a la luna*, *Viaje al centro de la tierra*, *La ciudad flotante* e *El rayo verde*. O Segundo Círculo: *Los viajes interiores* trabalha com escritores do século XX bem como cineastas, para discorrer sobre *El tiempo doblado*, *La invasión divina* e *La penúltima verdad*. O Tercer Círculo: *El outro mundo* se divide em *Las infernales máquinas del Doctor Hoffman*, *La mansión de medianoche* e *Los acrobatas del deseo*. Cada círculo é iniciado por uma imagem sugestiva e de quando em quando as reflexões são complementadas por fotografias, gravuras ou desenhos.

Català analisa fatos e personagens históricos passando pelas Comunas de Paris de 1870, o 11 de setembro, a morte de Malcolm X, Berlusconi, Bush, Wikileaks, Obama; artistas como Pasolini, Buñuel, Dali; vai da vanguarda das artes visuais às series televisivas e à Disneylândia. Vale-se de autores como Foucault, Debord, Kafka, Deleuze, Rousseau, Nietzsche, Norbert Wiener, Julia Kristeva, Barthes. Os sintomas vão convergindo. A reflexão mobiliza frequentemente Marx e Freud para construir as três proposições do livro: pensar o século XIX como um século histórico; o século XX como esquizofrênico (convivíamos com opostos, por exemplo, sendo marxistas e desfrutando dos produtos da indústria cultural) e o século XXI como o século paranoico. Não se trata de se referir a um espírito do tempo, que seria algo de caráter absoluto, mas de “plantear un rasgo que en un momento determinado se vuelve tan poderoso que consigue filtrar toda una cultura. Una cosa es el espíritu del tiempo y otra las constelaciones, las resonancias que no tienen la totalidad, sino que organizan las diversidades socioculturales en lo que podríamos denominar clústeres estilísticos” (p. 25).

O autor diz que talvez uma das partes mais controvertidas da obra seja sobre a teoria das conspirações. Todavia, trata-se de um ponto crucial pois esboça o encontro de vetores políticos, sociais, epistemológicos e psicológicos, todos eles hibridando-se enquanto espaço de discussão.

Eleger a paranoia como elemento que organiza as constelações do século XXI é um caminho que traz argumentos para compreender os mecanismos que dão sentido às nossas sociedades. Com raízes na ficção científica, pensa as tecnologias da informação, o capitalismo, as configurações políticas, os movimentos sociais. Català nos oferece um fascinante repositório crítico-cultural em sua escrita espiralada repleta de índices imagéticos e de pistas para pesquisas de história, comunicação, representações sociais. Para ele, não há outra forma possível de avançar por esse bosque emaranhado senão abrindo espaço para a imaginação.